



O BRASIL DO SÉCULO XXI CONTINUA MUDANDO PARA MELHOR.



É O QUE REVELAM AS PESQUISAS QUE APONTAM A QUEDA DA POBREZA NACIONAL E O FIM DO PRECONCEITO NOS CASAMENTOS EM QUE AS MULHERES SÃO MAIS VELHAS QUE OS PARCEIROS.



CONTUDO, APESAR DAS CONQUISTAS, ESTAMOS VIVENDO UM PRECONCEITO ÀS AVESSAS NO QUESITO RACIAL.



DEPOIS DA POLÊMICA DAS COTAS NAS UNIVERSIDADES, AGORA ESTAMOS DIANTE DE UM PRECONCEITO SURREAL: TEXTOS DE MONTEIRO LOBATO ESTÃO SENDO CONSIDERADOS RACISTAS.



PRECONCEITO ÀS AVESSAS O Brasil do século XXI continua mudando para melhor – é o que revelam as recentes pesquisas que apontam a queda da pobreza nacional e o fim do preconceito nos casamentos em que as mulheres são mais velhas que seus parceiros e independentes economicamente. Contudo, apesar das conquistas, estamos vivendo um preconceito às avessas no quesito racial. Depois da polêmica das cotas nas universidades, agora estamos diante de um preconceito surreal: textos de Monteiro Lobato estão sendo considerados racistas.

IGUALDADE RACIAL Seria piada não fosse o recente episódio envolvendo a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (a mesma que tem como missão impor cotas discriminatórias às universidades e ao serviço público) e o Conselho Nacional de Educação. A primeira encaminhou uma denúncia de racismo observada na obra de Monteiro Lobato e o segundo, não só acatou a denúncia como sugeriu a exclusão das obras de Lobato do Programa Nacional Biblioteca Escola.

MONTEIRO LOBATO NA BERLINDA Segundo a mídia, a história aconteceu assim: um técnico em gestão educacional em Brasília, ao saber que “Caçadas de Pedrinho”, de Monteiro Lobato, é leitura recomendada em uma escola do Distrito Federal, descobriu que na tal obra, Tia Anastácia – preta velha do Sítio do Pica-pau Amarelo – lá pelas tantas sobe em um mastro “que nem uma macaca de carvão”. A passagem do livro de Lobato o deixou insultado e seu senso de justiça étnica entrou em ação, fazendo-o encaminhar uma denúncia de racismo.

PARANOIA Paranoia, mistificação ou loucura, o fato é que Monteiro Lobato, o autor brasileiro que mostrou o folclore nacional a gerações de crianças do nosso país e popularizou personagens como Saci Pererê, é agora tratado como preconceituoso e indigno das nossas escolas. A continuar desse jeito, clássicos da literatura e da música brasileira correm o risco de serem banidos da vida nacional. Vale perguntar: o que diria o tal técnico – que faz mestrado em educação das relações raciais – da magnífica “Boneca de piche”, de Ary Barroso?

PATRULHAMENTO Nesta onda de policiamento étnico, corremos o risco de perder o espírito crítico, perder a graça e o senso de humor. Corremos também o risco maior de fomentar um tipo de patrulhamento paranoico que enxerga chifre em cabeça de cavalo e manda censurar obras, em nome de uma “correção” que privilegia grupos. Como disse Danuza Leão, em sua coluna na Folha de São Paulo: “(...) Se eu for à delegacia e disser que fui assaltada por três crioulos, será que pela Lei Afonso Arinos vou

presa? E será que alguém, numa hora dessas, diz que foi assaltada por três afro-brasileiros?”

RESSENTIMENTO Ironias à parte, o fato é que, apesar de termos conseguido tirar 12 milhões de brasileiros da pobreza, ainda não nos libertamos do ressentimento, da mágoa e do preconceito às avessas. Tiramos 12 milhões da pobreza, mas temos 14 milhões de analfabetos. Contradições de uma nação tão desigual que não pode haver espaço para julgamentos de caráter étnico. Afinal, na raiz do preconceito está a desinformação, a ignorância e a falta de educação. Desafios que poderão ser sanados com escolaridade e boa formação.

CÉREBRO E LETRAS Neste sentido, vale a pena conferir a recente pesquisa publicada na edição on-line da revista especializada Science, que mostra que a leitura modifica o cérebro. Trabalho desenvolvido a partir de uma cooperação entre pesquisadores da Rede Sarah e cientistas internacionais constatou que as áreas cerebrais ativadas pelas letras não se restringem apenas à região relacionada à linguagem codificada, mas envolve outras, como os setores da fala e da visão.

LEITURA, VISÃO E LINGUAGEM Segundo a pesquisadora do Centro Internacional de Neurociências da Rede Sarah, Lucia Braga, “(...) aprender a ler transforma violentamente as redes neuronais da visão e da linguagem (...) e quanto maior a escolaridade, maior a atividade dos neurônios (...) quem estudou mais tem maior ativação, mas isso depende menos do fato da pessoa ter aprendido a ler na infância”. A pesquisadora e diretora da Rede Sarah, Lúcia Braga, informa ainda que “(...) conexões ágeis levam a uma capacidade maior de funcionamento cerebral (...) essas pessoas podem usar mais seu cérebro e isso terá grande impacto na vida cotidiana”.

POLÍTICA DE COTAS X POLÍTICA DE EDUCAÇÃO Assim, se o programa Bolsa Família tirou 12 milhões de brasileiros da pobreza, precisamos também do Bolsa Escola, para inserir 14 milhões de conterrâneos no universo da escolaridade, do conhecimento e da participação. Negros, índios, mamelucos, albinos, mulatos ou brancos, todo brasileiro merece o bem-estar econômico e precisa da escolaridade para se libertar do atraso. Mais do que políticas de cotas, estamos precisando de políticas públicas de educação. O Brasil não precisa de patrulheiros e não pode perder tempo com censores étnicos, quando o que a nação necessita, de fato, é de brasileiros qualificados e com amplo espírito cidadão, homens e mulheres capazes de compreender Monteiro Lobato e seu tempo e saber rir das incongruências do folclore nacional.